



Poemas Cuaze Sobre Poezias

Francisco Gomes

2ª ed. em pdf

Poemas Cuaze Sobre Poezias

2ª edição em formato PDF



PREFEITO MUNICIPAL DE TERESINA
Elmano Férrer de Almeida

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL
DE CULTURA MONSENHOR CHAVES
Laurenice França de Noronha Pessoa

SUPERINTENDENTE
Larissa Oliveira Paes Landim

GERENTE DE PROMOÇÃO CULTURAL
Vitorino Rodrigues de Sousa Neto

COORDENADOR DE LITERATURA E EDITORAÇÃO
César Augusto Barros dos Santos

francisco gomes

Poemas Cuaze Sobre Poezias

2ª edição em formato PDF

Fundação Cultural Monsenhor Chaves – FCMC
Teresina – PI, 2016

© Copyright 2016 – Francisco Gomes

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA (1ª EDIÇÃO)
ALG publicidade

CAPA, DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO (2ª EDIÇÃO – PDF)
Francisco Gomes

REVISÃO (1ª EDIÇÃO)
Cláudio Vasconcelos

GRÁFICA (VERSÃO IMPRESSA)
Aliança

G633p

Gomes, Francisco

Poemas Cuaze Sobre Poezias, Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves; 2016.

74p.

Trabalho premiado na categoria Poesia, no concurso Novos Autores, no ano de 2008, promovido pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

ISBN: 978-85-86510-25-0

1. Literatura piauiense – Poesia. 2. Literatura brasileira

1. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. I. Título

CDD B869. 108



Esta obra foi classificada em 1º lugar na categoria Poesia do Concurso Literário Novos Autores – Prêmio Cidade de Teresina edição 2008, promovido pela Prefeitura Municipal de Teresina/Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

CONTATO/AUTOR

E-mail: francisco.gomes.contato@gmail.com

Blog: www.franciscogomespoiesis.wordpress.com

CONCURSO LITERÁRIO NOVOS AUTORES

O concurso Novos Autores promovido anualmente pela Prefeitura Municipal de Teresina, através da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, ao longo de mais de 15 anos, tem oportunamente proporcionado a publicação de livros que contemplam obras de história do Piauí, ficção e poesia e, posteriormente, texto para teatro e literatura infantil.

O papel fomentador da Prefeitura de Teresina à produção científica e literária abre uma natural chancela ao público leitor de novos autores destinados ao fazer literário.

Merece destaque que o “novo” que se nos apresenta não se traduz em idade cronológica, mas sim, àquele que ainda não teve editada alguma obra no segmento em que se inscreveu.

Ao lançar a presente obra de Francisco Gomes, premiada no segmento Poesia, da edição 2008, do Concurso Novos Autores, juntamente com outras três obras, a FMC cumpre ação relevante na área cultural literária do Piauí.

Laurenice França Noronha Pessoa
Presidente da FMC

DEDICATÓRIA

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a materialização deste livro.

ADREDE: APRESENTA-AÇÃO

Este livro é apenas uma das infinitas vozes da existência: os poemas são o reflexo do(s) mundo(s). Poemas Cuaze Sobre Poezias, apesar de ser meu primeiro livro publicado, é o terceiro a ser escrito. Na verdade, este livro foi feito exclusivamente para participar do Concurso Novos Autores. É o resultado das leituras que eu havia feito até o ano de 2007. Eu precisava exorcizar a gama de autores que havia devorado; a única forma que encontrei foi pôr tudo pra fora através do “vômito literário”.

A intertextualidade & a metalinguagem são o percurso destes poemas. Eis aqui um *diálogo-trocadilho-pastiche-paródia-brincadeirasséria-etc* à la Juó Bananere – por que não também à la Lautréamont? – com escritores clássicos, canônicos e/ou não-canônicos da literatura dita brasileira e mundial.

“Poemas Cuaze Sobre Poezias” é um livro que pede ao leitor o desprendimento – em todos os sentidos – de si.

(Re)Tire suas conclusões, pois já (re)tirei as minhas ao (escre)vê-lo.

F.G.

PRÉ-FÁCIL

Na dança da poesia...

Prefaciando um livro de poemas é tão complexo quanto procurar sua interpretação, porque se muitos são os tipos de leitores e o repertório que os envolvem, assim também diversas serão suas leituras interpretativas. Os poemas por si mesmos falam, autoprefaciam-se, com licença do termo inaudito. Eles falam por si, de si e daquele que os compôs: o poeta. Qualquer coisa que se diga de uma poesia será sempre menor do que aquilo que ela sugere em imagem e ritmo.

Fazer poesia é uma tarefa que se compraz no próprio ato de tecê-la, pois quem junta os fios da linguagem, na alquimia de transformar as palavras, que todos deveriam escrever poesias. Este sublime exercício eleva as almas e humaniza os seres.

Para o poeta gaúcho, para se fazer um poema é necessário *"esperá-lo com paciência e silenciosamente como um gato. É preciso que lhe armemos ciladas: com rimas, que são seu alpiste; há poemas que só se deixam apanhar com isto. Outros que só ficam presos atrás das catorze grades de um soneto. É preciso esperá-lo com assonâncias e aliteraões, para que ele cante. É preciso recebê-lo com ritmo, para que ele comece a dançar. E há poemas livres, imprevisíveis. Para esses é preciso inventar, na hora, armadilhas imprevistas".*¹

Este conjunto de poemas vai seduzindo o leitor à medida que ele o ler. Trata de temas que são da condição humana, portanto, não possuem datas, tempos específicos. Cuida de todas as coisas que são de todos os tempos, por isso mesmo são sedutores. As imagens que os versos constroem se coadunam com o ritmo que possuem. E estas imagens, muitas vezes são tão sutis, que esquecemos que a sua matéria é a palavra.

Há quem diga que devemos nos aventurar nas leituras dos livros, penso, no entanto, como Quintana, que devemos ler poesia como quem acompanha um cortejo, lentamente, usufruindo cada palavra, cada vírgula, cada ponto, cada reticências, cada verso... Não como um aventureiro que, na agitação de suas conquistas, esquece-se de ver aquilo que está sutilmente encoberto.

Leiamos estes poemas sem a pretensão de analisá-los. Sejamos cooperadores das imagens que eles nos despertam e dos ritmos que nos levam a dançar a dança da poesia, da vida, da magia, da filosofia. Assim, desse modo, deixaremos suas páginas, ao final da leitura, com a estranha e agradável sensação de que fomos nós que fomos lidos.

Adriana Paula Rodrigues Silva
Mestre em estudos literários pela UFPI
Professora de Literatura

¹QUINTANA, Mario. *Da preguiça como método de trabalho*. São Paulo: Globo, 200, p. 102 –103.

MECANISMO DE BUSCA

[OBJETO SUJEITO]

- poema de 7 fases – [14]
- abstração da banana concreta – [15]
- leminski – [16]
- versos ínfimos/psicologia de um poeta fracassado – [17]
- semanticamente romântico – [18]
- poema das 1000 faces negadas pelo rg – [19]
- efeito colateral – [20]
- abstração concreta pelo poema – [21]
- sonetando – [22]

[OBJETO DIRETO]

- sufixo – [24]
- velho mendigo – [25]
- dístico atomizado – [26]
- canção do exíguo – [27]
- fashion – [28]
- piauiês – [29]
- construção – [30]
- licença, pô! ética! – [31]
- 19 se abriu – [32]

[OBJETO INDIRETO]

- origem/origine – [34]
- quase – [35]
- photo-poema 3x4 – [36]
- arqueologia do poema – [37]
- proximidade concisa do terzetto – [38]
- antídoto do tédio – [39]
- (dis)curso do poema – [40]
- a voz do poema/sem pedir licença – [41]

(in)definição de poesia – [42]
poemas marginal – [43]
desprender os sapos – [44]
será que ele é – [45]
quase pó, ema – [46]
metalinguística – [47]
poema concreto – [48]
fim/fin – [49]

[OBJETO INVISÍVEL]

o golpe – [51]
dadá – [52]
replay/eterno retorno – [53]
literalmente vazio – [54]
cotidiano – [55]
direto do beco – [56]
lágrimas concretas de práxis – [57]
intimismo – [58]
colapso – [59]
florbela espanca – [60]
bsouro – [61]
dis per são – [62]
(des)vendados – [63]
que nem dor/terzetto angustiado – [64]
tchau, teresa – [65]
de 64 a 85/desobedece coração – [66]

[OBJETO DESLOCADO]

(de)formar – [68]
denotação conotativa – [69]
l(?)xo – [70]
ecumenicamente (de)codificado – [71]

[O AUTOR: RESUMO BIOGRÁFICO]

OBJETO SUJEITO

poema de 7 fases

Certa vez uma voz me disse:
- Vai, sê avesso à vida
pois o avesso do oposto tira os sentidos

Vai longe, sê anjo barroco
voa através das palavras escritas

Vai, pode voar sem medo
tuas asas são de concreto
esse negócio de queda, cera derretida
ficou exclusivamente pro ícaro

Vai, sê anjo esculhambado
usa o cadarço do teu all star
pra estrangular essa linguagem acomodada

Vai, sê um anjo caído
me livra desse “dá-me”, “falar-te-ei”
que não quero ser mais um poema
proferido pelo coaxar de sapos

abstração da banana concreta

Se dentro da banana descascada
encontrar uma banana,
banana pra você!

Mas

se dentro da banana descascada
encontrar um poema,
descasque mais bananas e escreva um livro

leminski

Nem a droga da poesia eu via
a drogada poesia via
a via da poesia droga
eu via
a via
a droga da poesia
a drogada poesia
eu
(a) droga
(d)a poesia

versos ínfimos/psicologia de um poeta fracassado

Te satis
faço
infinitas vezes

Mas no final de tudo
nada
eu em 5 dedos
ejaculo palavras borradas
num lençol branco listrado papel amassado

1 vazio
frustração
cigarro aceso
inspiração indo embora com a fumaça

Era cuaze um quase
é agora apenas
+ 1 poema
no cesto de lixo
no canto da sala

semanticamente romântico

O homem amante das letras
não se limita ao amor romântico

O homem amante das letras
mergulha profundamente no amor semântico

poema das 1000 faces negadas pelo rg

Dentre as possibilidades
de ser eu
eu não conseguia ser
nenhum
nem 1 dos 1000 eus

efeito colateral

Eu sentia a poesia
nessa azia
desmedida no âmago
esmagada rebeldia

Sentia que o poeta
não dizia
na leitura do leitor
aquilo que sentia, escrevia

Falar de amor
ou
simplesmente dor
ou
nada disso fosse
ou
se fosse aquilo seria
a mais pura tradução
do que o poeta sentia, escrevia

A via-palavra-poema-poesia
dizia uma coisa
uma coisa dizia outra
outra dizia tudo

Tudo, na linguagem do poeta,
às vezes
quer dizer nada

abstração concreta pelo poema

O poema é pra valer
pra ler

O poema é pra levar

Pra gente levar
dentro da gente
feito amor no olhar

sonetando

Eu gostaria de sonetar um poema
que não fosse um soneto criatura
desmontando a estrutura do tema
metalinguisticando a leitura

Queria resumir em esquema
tudo o que não prevê a ventura
jogando fora o que é lema
desconjuntando a conjuntura

Pensei escrever quatorze versos
feito trovador recitando
poemas ao vento desconexos

Pensei escrever alternando
as rimas dos versos dispersos
feito luís de camões, sonetando

OBJETO DIRETO

sufixo

Não venho
de um buEIRO
apesar de catar
sobras num lixEIRO

- nacionalidade?
 - brasileiro.
 - brasileiro?!
 - é, brasileiro.
 - brasileiro não é quem nasce em Brasília?
 - não. quem nasce em Brasília é brasileiro.
 - profissão?
 - olha, eu já fui padEIRO
marcenEIRO, pedrEIRO...
- Atualmente, sabe, sou brasileiro.

velho mendigo

Corre o rio turvo
não mais velho monge
ao longe próximo o fim

Piabas não saltam prateadas

O sol empalidece a face rasa do rio

As dragas trazam o couro cabeludo
restam apenas mechas falhas
falhas do homem no tempo

A branca barba assanhada

A bronca calada do velho

Os transeuntes passam
dividem a amizade na ponte
a ferrugem metálica em frente ao sol

O velho permanece rumo ao vazio
pedindo esmolas pra não-partida

Amanhã hei de cantar um hino
“rio abaixo rio arriba”
na poética patética poesia

dístico atomizado

Hiroshimaram nagasaki
nagasakiaram hiroshima

canção do exíguo

Minha terra tem mangueiras,
onde a água sabe lá...
As águas, que aqui gotejam,
não gotejam como lá

Nosso céu tem menos nuvens,
nossas terras mais calores,
nossos rios ensaboados,
nossa vida mais fervores

Em pensar, eu só, à tarde,
mais calor encontro eu cá;
minha terra tem mangueiras,
onde a água sabe lá...

Minha terra tem fatores,
os quais eu não encontro lá;
em pensar – eu só, à tarde –
mais calor encontro eu cá;
minha terra tem mangueiras,
onde a água sabe lá...

Deus permita que eu consiga
as passagens para lá;
onde eu possa tomar banho
que não consigo por cá;
minha terra tem mangueiras,
mas a água sabe lá

fashion

A moda
molda o modo
do modelito
no mundo moderno

piuiês

Em meu monturo de palavras
talvez não caiba a erudição formal da gramática
por minhas alpercatas pisarem na grama ática da língua

Talvez o meu muquiço de palavras
navegue num mar português de significados
num mar brasileiro de misturas...

Lá no NOR...DESTE “sol(o) quente”
do mesmo “píííai” de Mão... Santa cruz dos milagres!!!

(aqui) a língua também tem vida própria:
enquanto a maioria dos brasileiros vai ao shopping,
nós vamos shopear. Né tomar chope, não.
É shopear mesmo,
conjugando verbo e tudo!

Infelizmente
tem gente
que quer “varrer” palavras do português

(mas)

Felizmente
tem gente
que quer “barrer” palavras pro paiuiês.

construção

Fazer poemas é difícil
como domesticar um homem

licença, pô! ética!

Meu camarada
não vem com esse papo de poeta
pateta perdido em palavras perfeitas

Enquanto tu procura o “procuras” do “tu”
eu procuro nas latas de lixo
os cheiros de flores jogadas no lixo
(o desprezo de alguém que não quer flores)

Teu academicismo te beneficia
teu erro se torna licença poética

Meu autodidatismo me crucifica
meu erro proposital se torna burrice

Meu camarada
a tua preocupação em ser chamado de poeta é tão grande
que tua poesia já virou clichê de padaria

Licença, pô! Ética!

19 se abriu

Meio tupi/português/abrasileirado
um grito falado rasga a floresta já arrasada:
- bando de civilizados, vão se FU... NAaaaaaaI!!!

OBJETO INDIRETO

origem

Pensée
poésie
action
né le poème

Pensamento
poesia
ação
nasce o poema

origine

quase

Palavras na mente
mentiam pra mim?

Quase acreditei...

Um poema

A música

Os versos

As estrofes.

Um sonho.

Na lembrança do dia
eu não lembrava do poema
perdi a poesia

Quase...

A lembrança perdeu-se no esquecimento

Eu só lembrava do poema
esqueci a poesia

Sentir saudade...
Mas não existe saudade.

Se é quase,
então não é.

photo-poema 3x4

Preto e branco do retrato
pinta um poema disfarçado
palavras convertidas em imagem

Palhaço sem graça desbotado
pente escuro no bolso
parado em frente enquadrado

Pose fotografada
poesia escondida
fotografia diagnosticada

Pigmentados versos
perfil exposto em estrofes
poema 3x4 revelado

arqueologia do poema

Des...truir,
Cons...truir:
Tru...ísmos?
São...verbos (des/cons)trutivos.

prolixidade concisa do terzetto

Um poema só
diz tudo que ninguém diz
em mil frases ditas.

antídoto do tédio

Neste poema concreto

O abstrato ocupa o espaço

Invadindo se-pa-ra-da-men-te

Grande parte da expressão discursiva

Ainda perdida na comunicação verbal tradicionalista.

Neste poema decrépito

Décio, augusto, haroldo e outros

Renovam a linguagem poética politicamente correta

Escre-vendo visualmente o verbo podando a limitação do verso

Simplificando a utilidade do tema possibilitando múltiplas leituras do poema.

(dis)curso do poema

O (dis)curso
do (di)verso
é (dis)posto
pela (pre)ensão
do pensamento

a voz do poema/sem pedir licença

- O que é poesia?

A cor azul é visível na palavra azul,
em cada verso aparece o inverso denotativo,
a flor no dicionário não tem sentido,
as letras que se juntam não se tronam simples palavras...

A cada estrofe formada
denotações deletadas
(denotações são como entonações robóticas)

A cada estrofe formada
conotações buscadas
(conotações são como entonações melódicas)

Poesia é a essência do poema.

Poema sem poesia
é como
homem sem espírito
vago, vagando, vazio...

(in)definição de poesia

Aí está o campo
aí está a chuva
aí está o regador
aí está o sol
aí está o colibri.
Cadê a flor?
Aí não está a cor.

poema marginal

O poema
na beira
à beira das editoras
abera da livraria.

desprender os sapos

Rima: ímã dos sons

Métrica: simétrica cela

(tudo lindo! um coaxar contínuo)

Ainda assim prefiro a prisão desprendida:
palavras que se (de)formam no significado conotativo
como um violão que às vezes desafina e que se pode mudar o tom.

será que ele é?

Quase úlcera
pura queimação
é azia

Composição de versos
(a) parece um poema
cuaze poezia.

quase pó, ema...

Se isso fosse tudo
seria quase nada

Quase nada fosse isso
tudo seria quase.

metalinguística

A meta da língua
a linguagem

A linguagem da língua
a meta

A meta
a língua
a linguagem

Metalinguagem.

poema concreto

Esse papo transcendental
comigo não rola
poesia tem q ser enxuta
ou molhada q nem coca-cola

Kero sentir o poema nas mãos
feito kbça de louco na parede
pra kda ação uma reação
pura física
ponto final

fin

La dernière page
dernier vers
dernier poème

...

Début de la fin

Início e fim

...

A última página
o último verso
o último poema

fin

OBJETO INVISÍVEL

o golpe

A ditadura
dita dura
amoleceu
na palavra dura
da poesia dita

dadá

Vários peixes podres
vários pobres peixes
podres pútridos peixes

Jornais jogados no rio
poemas afogados no cotidiano

Nada mais do que jornais

replay/eterno retorno

Eu sei q as pessoas são repetitivas
tu sabes q as pessoas são repetitivas
ele sabe q as pessoas são repetitivas
nós sabemos q as pessoas são repetitivas
vós sabeis q as pessoas são repetitivas
eles sabem q as pessoas são repetitivas

Mas
e aí
você sabe q você é repetitivo?

literalmente vazio

Ñ sei o q há
há o q ñ sei
ñ há, eu sei

cotidiano

Há poesia em tudo
até na miséria
na desgraça
na loucura
na solidão

Ontem vi um poema
era composto de sangue
era mais um José, zé-ninguém
não tinha filhos
não era casado
mas tinha uma vida
morreu de facada
uma dose de cachaça

A poesia corria naquele bar
compondo mais um poema embriagado

Velas acesas no canto da calçada
a cruz de madeira improvisada
era/é o título do poema.

direto do beco

Tijolo por tijolo
concreto por concreto

Nos cantos cariados
há poesia

lágrimas concretas de práxis

Minhas lágrimas c
a
e
m de e _
s _
c _
a _
d _
a _
a
baixo...

1 *abraçoapertado* procuro
no **escuro** só acho a solidão do acaso

intimismo

...

Profundamente
pro fundo da mente
profunda mente

...

colapso

Quando olho pra dentro
vejo tudo de fora

Um amor suplementar
muito tempo demora

Viver
sorrir
amar
morrer
este poema devora

florbela espanca

Flor bela
bela flor
teu cheiro espanca
meu peito de amor...

bsouro

A armadura:

arma dura
que dura
queratina
que arma
durável!

Uma pisada
achata/esmaga

a dura
armadura
do

besouro
frágil
des

arma
do besouro
(des)armado(?)

dis per são

Qorpo stranho
entranha
tamanha tristeza
aguda agonia
dispersão despedaçada.

DisperS.O.S
a vida
nosS.O.S verS.O.S
Reveя S.O.S
in loco.

(des)vendados

Uma vez nós
dois nós cegos
cegos nós dois

que nem dor/terzetto angustiado

Vou deitar, amor...
O vento soprou “adeus”
assim que nem dor.

tchau, teresa

I

Quando olhei pra teresa
pensei que ela fosse menos irritante
pensei até que ela fosse parecida com a minha professora

...

II

Depois de muito tempo vi teresa novamente
pensei que ela não ia mudar , e não é que mudou?!
(estava muito mais alta, meiga, escrevia bem, era mulher)

...

III

Na terceira vez que vi teresa
uma voz sem som soou no ouvido: “cara, é ela, se declara...”
No dia seguinte um ônibus azul atropela teresa em plena frei será...fim.

de 64 a 85/desobedece coração

O nosso cotidiano é inflexível
cada liberdade almejada é um castigo

O meu silêncio é o teu silêncio
mas não é um silêncio conformista
tudo tem sua hora & vez
a mudança é constante

Na calada da noite ouço gritos
não são gritos de dor, de lamentações
são gritos do existir
gritos nas paredes, nos muros...

Mais do que esperança
são gritos de liberdade.

OBJETO DESLOCADO

(de)formar

A melhor forma
de se ter forma
é formar
um formato
que não tenha fôrma

denotação conotativa

The
“not”,
ação!

l(?)xo

Há lixo no luxo?
há luxo no lixo?

Não há luxo no lixo
não há lixo no luxo

Há luxo no luxo
há lixo no lixo

No fundo, no fundo
da lata de lixo
há luxo

ecumenicamente (de)codificado

/ { [A] } /
(/ { [A] } /)
[]
()
{ }
//
A

*A = poesia
() = homem
[] = mundo
{ } = linguagem
// = alteridade*

O AUTOR
(RESUMO BIOGRÁFICO)

Foto por: Hannah Lis



Francisco Gomes nasceu no arcaico município de Campo Maior (PI) em 1982. É Poeta, músico, letrista, compositor e *anartista* plástico. Autodidata e *autodidático*, iniciou as faculdades de História e Letras/Português, abandonando ambas. É Autor dos livros **Poemas Cuaze Sobre Poezias** (Teresina: FCMC, 2011) – 1º lugar no Concurso

Literário Novos Autores de Teresina/ano 2008, **Aos Ossos do Ofício o Ócio** (Guaratinguetá: PENALUX, 2014) e **Face a Face ao Combate de Dentro** (São Paulo: KAZUÁ, 2016). Dono de uma poética multifacetada, sua poesia reflete a versatilidade na forma e na temática. A variedade imprime identidade ao que o poeta escreve, criando uma unidade dentro da diversidade. Além dos publicados, o autor tem alguns livros inéditos e outros em construção. Edita e administra o blog de inutilidades poéticas “**PulsoPoesia**”(www.franciscogomespoiesis.wordpress.com). (Sobre)vive em Teresina (PI) desde os 7 anos de idade. Admira a carência orgulhosa dos gatos e a tranquilidade dos jabutis. Ah, adora fígado acebolado.

ISBN 978-85-86510-25-0



9 788586 510250